

# TRÊS ODES IGUAIS A ÓDIO

EDGARD PEREIRA DOS REIS

(1.)

Sua função era avisar a passagem do trem-de-ferro. Nunca foi visto chegar em sua pequena tórre. E as pessoas tomavam conhecimento d'êle apenas quando acionava a barreira. Concentrava-se naquilo — então os carros paravam, muitas vidas dependiam daquele gesto porque: êle avisava a passagem do trem-de-ferro.

Uma noite alguém apareceu do lado da luz, veio roendo unhas, caminhou entre os automóveis e as peças esquecidas de construção. Conversaram sôbre o tempo, fumaram juntos, êle ofereceu ao desconhecido o café da garrafa térmica que trouxera de casa. As horas passaram, êles batiam as mãos nas costas do outro, êle ofereceu ao conhecido uma bebida. (Depois descobriram que havia na guarita uma garrafa de vinho.) Êles apertavam as mãos pela última vez quando a locomotiva apitou e, naturalmente os carros freiaram, ela sumiu dentro da sombra. Desde então êle nunca mais voltou ao seu pôsto, tinha economias e, afinal, não precisavam mais d'êle.

(2.)

Até aquêle dia andara sempre torto, os pés e as mãos buscando o caminho. Experimentou consultar os povos habi-

tantes de Poluluca da Serra — certeza de que o método era válido como os bons ares. As primeiras informações, que reuniu em dois grupos, o entusiasmaram. A fôlha prestava-se a divisões em duas:

cavalo	campo
coelho	folhagem

Olhou para fora e dois olhos azuis bloquearam o ambiente. Aqui me tendes — êles diziam. Segurou o papel, queria decifrar o borrão e as palavras. A superfície da mesa tornou-se mínima diante da superfície dos olhos, grandes, azuis. A análise dos elementos ficou entre os cotovêlos elevados e o branco da mesa.

A fumaça de todos os seus pensamentos concentrou-se no espanto e sorriu, um sorriso esboçado e o primeiro. A mão esquerda doía o papel amarfanhado enquanto a direita queria indicar algum rumo e seus olhos seguiram o alvo da luz que se aproximava, azul, perto. Talvez a nação tenha perdido um sábio.

(3.)

Por muito tempo seguira as nuvens que pareciam formar no céu o número 253 — mas era falso, era falso. Aranhas passeavam-lhe no cérebro e teve que sair, não queria. A rua, os carros, a rua. Pela manhã vira uma aranha a subir pelas paredes. Pela manhã — nunca à tarde. Baratas trancavam o azulejo da cozinha, furavam-se mutuamente os olhos e via-se uma no chão, morta. Procurava a soma perfeita.

Onde será a exposição? perguntaram dando a idéia de cultura por trás do medo. Sentiu-se animado e imortal, enquanto outros cobriram o rosto com as mãos, apressados. Animado e imortal, estalou os dedos, agora com a certeza das nuvens (ouro-prata a sumir) e do vento. Jamais teria em casa uma estátua de nuvens, assim chegou o momento do happy end, animado e imortal.